

***Dezoito anos depois de uma homenagem:
Lembranças de Maria Lúcia Medeiros¹***

Maria de Fatima do Nascimento (FALE/PPGL//UFPA)²

Tenho por objetivo, mediante esta breve produção memorialística, trazer à baila uma homenagem realizada à Professora Maria Lúcia Medeiros, por parte de um grupo docente da Universidade Federal do Pará (UFPA), em 22 de junho de 2005, haja vista o apreço dos colegas pela também poeta e contista, que produziu até o seu falecimento. A homenagem será lembrada 18 anos após o evento.

Maria Lúcia Medeiros (Lucinha Medeiros) nasceu na cidade de Bragança (PA) no dia 15 de fevereiro de 1942 e faleceu em Belém do Pará em 8 de setembro de 2005. Era filha de um militar, o Major Simpliciano Fernandes de Medeiros e de D. Maura de Medeiros. Formou-se em Letras pela UFPA, onde posteriormente foi Professora de Literatura Brasileira e Infantil.

Estreou com “Corpo inteiro”, em *Ritos e passagens de nossa infância e adolescência* (1985), antologia organizada por Fanny Abramovich. Em 1988, publicou seu primeiro livro de histórias curtas (16 ao todo): *Zeus ou a menina e os óculos*, determinante para o reconhecimento de Maria Lúcia Medeiros como uma das mais importantes autoras paraenses. Em *Zeus*, consta um texto de Benedito Nunes, “A quem interessar possa”, com um juízo de valor bastante positivo à intelectual de Bragança.

Daí em diante, ela dá a lume vários livros de contos, tornando-se no Estado do Pará a principal representante do gênero no Século XX. Em 1990, publicou o seu segundo livro, uma coletânea de 24 narrativas, *Velas, por quem?*; em 1994, *Quarto de hora*, com

¹ Texto memorialístico publicado no site do Grupo de Estudos Benedito Nunes (GEBN) -

<http://www.gebeneditonunes.com.br/producoes/coordenadora/coluna-leitura-em-sala-de-aula/>

² Maria de Fatima do Nascimento é doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp (2012) com a tese *Benedito Nunes e a Moderna Crítica Literária Brasileira (1946-1969)*; mestre em Teoria e História Literária pela Unicamp (2004) com a dissertação *A Representação Alegórica da Ditadura Militar em “O Minossauro”, de Benedito Monteiro: Fragmentação e Montagem* e Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 1990). Pós-Doutorado pela Universidade de São Paulo (USP, 2019) com o trabalho: *A crítica de Benedito Nunes aos poetas da “Geração de 45” em periódicos de Belém do Pará*. Atualmente, é Professora de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras do Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da UFPA. Coordena o Grupo de Estudos Benedito Nunes (GEBN)/CNPq/UFPA. Atua também no Programa de Pós-Graduação Acadêmica em Letras (Doutorado e Mestrado) e no Programa de Pós-Graduação Profissional (PROFLETRAS - Mestrado).

16 histórias; em 2000, *Horizonte silencioso*, com os seus 5 contos mais extensos; e em 2004, *O lugar da ficção*, que traz pequenos textos de Maria Lúcia Medeiros a respeito da leitora que ela foi, da importância da leitura de romances e de poesia para compreender as pessoas, o mundo e produzir os seus textos, o trabalho de criação, além de revelar o amor que ela nutria pelos livros, pela profissão, enquanto docente, pesquisadora e literata; a amizade lítero-afeiva por Max Martins, as viagens, a audição de histórias, entre outras questões. Por fim, em 2005, publicou *Céu caótico* (2005). Maria Lúcia vem sendo estudada ainda timidamente, tendo um legado que não deve ser esquecido pelo seu teor indubitavelmente literário.

Homenagem:

Janela Literária com Maria Lúcia Medeiros (22 de junho de 2005)

Maria Lúcia Medeiros recebeu homenagem do Curso de Letras da UFPA, quando do *Projeto Janela Literária*, no Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas (DLLV) do Centro de Letras e Artes (CLA). O evento, intitulado *Janela Literária: Encontro com Maria Lúcia Medeiros*, foi organizado por colegas de magistério: Alzerinda de Oliveira Braga (Chefe de Departamento), José Guilherme dos Santos Fernandes, Sônia Maria Leal da Gama Malcher, Elizabete de Lemos Vidal, Giselle Maria Pantoja Ribeiro e Maria de Fatima do Nascimento, a qual tinha sido orientada, em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pela professora em epígrafe.

O Encontro ocorreu no dia 22 de junho de 2005, menos de três meses antes do falecimento da homenageada. Na ocasião, foi produzido um folheto com *design* gráfico de Giselle Ribeiro, para divulgação do evento. Na parte superior da capa, encontra-se a sigla DLLV-UFPA, seguida de *Janela Literária* e uma foto da contista no centro do folheto. Na parte inferior, têm-se os dizeres: *Com Maria Lúcia Medeiros* e um texto: “Queria bater nas portas e chamar VEM! Vem ver a luz que torna todas as coisas frias ou quentes ou fluídicas, que faz desaparecer a dureza das pedras...” (*Velas. Por quem?* - p. 67).

No verso do documento, à terceira página, dispõe-se da programação com todos os dados da instituição promotora: Universidade Federal do Pará (UFPA), Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas (DLLV) e Centro de Letras e Artes (CLA). Repete-se o título do projeto e o do evento: *Janela Literária: Encontro com Maria Lúcia Medeiros*. O fato acadêmico-cultural teve lugar no Auditório Básico I do *Campus* Belém, das 9 às

12 horas. A abertura deu-se com a fala da docente Célia Maria de Macêdo, Diretora do CLA. Às 9h10min, houve a projeção do vídeo *Escritura veloz*, produzido por Mariano Klautau Filho, de quem a ficcionista é mãe.

Às 9h25min, procederam-se às homenagens da parte do professor Guilherme Fernandes e das professoras Isabel Soares e Lilia Silvestre Chaves. Às 9h45min, iniciou-se a Mesa-Redonda, com os seus componentes: Ângela Maroja Silveira: “Os Contos inéditos de Maria Lúcia Medeiros”; José Guilherme dos Santos Fernandes: “A possível leitura semiológica de *Ter ser*”; Maria de Fatima do Nascimento: “Laços de família em *Jogo de Damas* de Maria Lúcia Medeiros”; Marli Tereza Furtado: “Uma abordagem crítica na obra *Zeus ou a menina e os óculos*” e Amarílis Izabel Alves Tupiassu: “*Chuvas e trovoadas* e as meninas subversoras de Maria Lúcia Medeiros”.

Às 11h15min, projetou-se o filme *Chuvas e trovoadas*, de Flávia Alfinito. Às 11h30min, houve *Performance* e às 11h45min, *Encerramento*. Os nomes dos integrantes da *Comissão Organizadora* colocaram-se abaixo da *Programação*, tanto do lado direito quanto do esquerdo da 3ª página. Fechando, aparece o *Apoio do Centro Acadêmico de Letras (CAL)* e o *Apoio do CLA*.

Para escrever o presente texto, entrei em contato com três professores que fizeram parte da Organização e/ou da Mesa-Redonda da Homenagem, com vistas a confirmar dados dessas lembranças, tão antigas como dolorosas, caso eu pudesse ter esquecido algo. Desejava verificar se alguém ainda possuía informação a acrescentar. Entretanto, duas docentes que consegui indagar recordavam o evento, mas não detalhes do episódio. A terceira colega me comunicou que não esteve na Mesa-Redonda, pois na data fora a um *Campus* da UFPA, no interior do Estado, ministrar aulas agendadas na oferta de disciplinas no início do primeiro semestre de 2005.

Lembro que naquele dia, Maria Lúcia Medeiros já estava muito debilitada. Não conseguia falar, nem pegar direito a esferográfica. No entanto, ouvia, escrevia com uma caneta num quadro, espécie de lousa branca (adaptada para ela). Tínhamos um tempo curto para falar, qual seja, 5 minutos para cada um, em face da situação da professora, escritora. Contudo, uma das componentes da Mesa-Redonda se estendeu na fala e extrapolou o tempo.

Atentos ao estado de saúde da homenageada, todos que falamos após essa componente diminuímos o nosso tempo a fim de que a convidada fosse almoçar e descansar. Saímos do evento quase às 14 horas. Eu também havia feito o convite, que Lucinha Medeiros gentilmente aceitou. Na despedida às pressas pelo adiantado da hora,

ela declarou que viera também por minha causa e escreveu no quadro que eu continuava com o sorriso de sempre. Fiquei muito emocionada.

No segundo período letivo de 2022, sobre Maria Lúcia Medeiros, iniciei a orientação de Dolcinei Amaral Moraes, em nível de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com defesa para junho de 2023, 18 anos após a Homenagem. Durante o período de quase um ano, reli os livros da homenageada e fui rememorando semelhantes fatos que na época muito me marcaram. Ao abrir o livro *O lugar da ficção* (2004), deparei com o seguinte autógrafa para min que diz:

“Fátima,
Bons tempos aqueles!
O teu sorriso ainda é o mesmo. beijo
24-09-04.”

Afloraram à minha mente as lembranças dos bons tempos em que líamos muito. Lembro as leituras fervorosas que realizávamos de autores como: Gonçalves Dias (1823-1864), meu poeta de cabeceira; Machado de Assis (1839-1908), acerca do qual fiz meu TCC, estudando o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*; Clarice Lispector (1920-1977), objeto de minhas pesquisas desde 2012; e João Antônio (1937-1996), primeiro autor vivo que conheci pessoalmente, sentando-me ao lado dele antes do término da Graduação, quando conversamos sobre seu livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963).

Lucinha Medeiros, eu e outros colegas, tínhamos lido e discutido os contos de *Malagueta, Perus e Bacanaço* para conversar com o autor quando de sua estada em Belém do Pará, não lembro se foi em 1987 ou 1988. Deve ter sido em um desses anos. Observei que no exemplar que tenho não há autógrafa. Sempre esqueço de tirar fotografia e pedir autógrafa quando em situação de prazer com minhas amigas e amigos ou com um literato como João Antônio. Estava muito interessada em conversar com ele sobre sua obra. Foi a maior alegria que sentimos no momento que ela disse que iria fazer um encontro nosso com o escritor João Antônio.

Ele foi à UFPA e ficou uma tarde toda conversando com uns 5 alunos e a Professora Maria Lúcia Medeiros. Naquela época, as bolsas de pesquisas eram escassas. Mesmo assim, ela organizou um grupo com os alunos que gostavam de ler. Acredito que nenhum dos participantes contava com auxílio financeiro de órgãos de fomento. Eu fui uma das que participaram da iniciativa, num período em que eu cursava disciplina dela, o que perdurou por 4 semestres. Íamos ler e discutir textos numa sala sem ventilador da Universidade Federal do Pará e saíamos juntas quase às 19 horas, simplesmente porque amávamos a leitura.

...